

A data, o signo e a herança. O eco de Saussure na entrevista de Derrida a Kristeva de 1968

*The date, sign and heritage. The echo of Saussure in
Kristeva's interview to Derrida in 1968*

Marcus Alexandre Motta
UERJ

Resumo: esse texto é a leitura do primeiro fôlego da entrevista de Jaques Derrida a Julia Kristeva, publicada em junho de 1968. O interesse é extremar escutas de Saussure na resposta de Derrida, contando com a data da publicação como o horizonte de expectativas insatisfeitas.

Palavras-chave: data. Signo. herança.

Abstract: *This text is a Reading of an interview given by Jacques Derrida to Julia Kristeva, published in June 1968. The interest is to radicalize listenings from Saussure in Derrida's response, relying on the date of publication as the horizon of unfulfilled expectations.*

Keywords: *date. Sign. heritage.*

Abruptamente, recorta-se. Faz-se o corte. Abre-se. Elege-se. Figura-se. E o que se arranja, se escuta. Põe-se escutado. No caso, escutaram, organizaram e... *Curso de Linguística Geral* de Saussure. Por aqui, se lê como se escutasse. Não o *Curso...* prontamente, mas a primeira escuta de Saussure na entrevista de Derrida a Julia Kristeva de 1968* (não haveria suficiente páginas para dar conta de toda ela).

Saussure, outro tipo de Sócrates? Quantos são? Sócrates, diz Nietzsche, aquele que não escreve. “Numa folha rasgada, não datada, encontra-se esta nota: “... um horror doentio pela pena, e que esta redação me causa um suplício inimaginável...” (STAROBINSKI 1974, p.11) ”.

Um “horror doentio”, diz Saussure. Algo se põe de fora. Algo que pode revelar alguma coisa sobre ele. Escrita, ela, a bastarda de longa data. Saussure a restringe pela angústia que

*Todas as citações sem referência direta pertencem à entrevista de Jaques Derrida a Julia Kristeva, publicada na Revista *Information sur les Sciences Sociales*, VII, 3, junho de 1968

provoca e a denuncia deformando-o. O dilema de traçá-la não existe como preocupação inteligível, mas como diferença inexplicável. Esta diferença inexplicável é o que pode apagar o próprio humano; um risco do inumano na língua que se dá nos traços?

Kristeva pergunta: “a semiologia, atualmente, se constrói sobre o modelo de signo e correlatos... Quais são os limites logocêntricos e etnocêntricos destes modelos e... podem servir de base a uma notação que queira escapar da metafísica?”

Adia-se, por instantes, a frequência de Saussure na resposta de Derrida. Algumas décadas se passam. Toa o mundo ser outro. Ali em 1968, a pertinência da entrevista retumba a data. A entrevista é a escuta a ribombar depois. O rumor da data invade tudo: a revolta e a nostalgia se consomem na fronteira entre elas.

Seria necessário alcançar silêncios. Mundificar os ouvidos. Escutar todas as repercussões do ano da publicação. Um mês depois do abalo na velha ordem em França. As vozes se podem ouvir por todo mundo. A entrevista não ouve, escuta. Ausculta bem depois, ou muito antes, quem sabe?

Ali, na entrevista, Saussure citado, lido, trazido, atraído. Talvez a data ainda possa libertar. Fazer estranhar. Politicamente, é claro. Uma política sem neutralidade científica. Caçada à distância, chamando a presa somente.

A data, pode dizer-se, chega como um outro, aqui, não muito distante, porém à distância. Existem quadras dela. Há alguns meses está por perto; mas a greve geral não vem. A desconfiança abona muito cedo. Ela ainda é a estrangeira entre nós? É dela o nosso destino?

Talvez se possa de vez em quando visitar alguns capitais textos. Ou, bater os ouvidos em entrevistas fundamentais. Bater com os ouvidos. Escutar a data. Auscultar as esperanças e as esperas. A contemporaneidade da data é isso: histórica até golpear.

De lá vem o que se precisa saber: o quanto resta dela, nela e por ela, nas nossas escutas, num mundo que tem muitas velhices? Inoportuna e coetânea, querendo partir e querendo volver, cujo indício pressagia, ela começa a ser esquecida e agoniza? Kristeva pergunta. Derrida replica. Têm em mente a data?

Derrida responde à pergunta de Kristeva, primitivo: “aqui todos os gestos são necessariamente equívocos.” Necessariamente equívocos, isso já é a própria data? Todos os equívocos são necessários? A necessidade de avaliação move-se na esfera dos equívocos; ninguém deixa de escutar. Ninguém deixa de saber que a trama fura e atravessa, arremessando o que se encadeia e se escuta.

Gestos, ele diz. Gestos e equívocos. Questões que pertencem à criatura da linguagem. O dolo em falar é asfíxiador? Derrida procura palavras e embosca o rastro futuro: “suponho, não o creio, que se pode um dia escapar simplesmente da metafísica, o conceito de signo vai marcar nesse sentido uma trava e um progresso”.

Ele torna a dizer em outro texto que o próprio conceito de signo persiste submisso à ontologia clássica. “É a ideia de signo que seria necessário reconstruir...” Reconstruir? Sem matéria para tal ou muita matéria para tal?

“... que o signo seja originário e essencialmente...rastro, que ele seja desde sempre em posição de significante, tal é a proposição...” Do quê? “Do logos, da presença e da consciência... a escritura... como sua morte e seu recurso (DERRIDA, 1973, p. 90)”.

Mas num pé-de-página, na última página daquele texto, fala: “até que ponto Saussure é responsável tal como foi redigido e dado para ler depois de sua morte?” A questão é antiga. *Anagrammes* está por aí. Sócrates padece do mesmo?

A serventia do signo é inflexível e adere as raízes do conceito linear do tempo. A data respira e espia tal conceito. A data não se deixa datar. A rapidez do abandono das questões, que são a entrevista, ganha renome. A entrevista desconfia. A data lá fora da entrevista, como um outro, conjectura a superação do estado da questão quando alcança o aviso de que qualquer entendimento corre o risco de “empreender uma mistificação de patologias sociais palpáveis (HABERMANS, 2002, P. 254)”.

Derrida continua: “... por sua raiz e suas implicações (o signo), é de parte a parte metafísico, sistematicamente solidário das teologias estoica e medieval, o trabalho e os deslocamentos ao que há estado submetido...” Escreve-se, e o que se escreve, alenta ou vicia em cada momento. E em cada momento, a autoridade indeterminada se faz presente e confirma o estado das coisas e o passado passa por ali de forma fugidia.

A continuação da resposta é reforço retórico. Muita história. Em demasia. Reconstrução? Mas ele mostra a escolha que faz. Contra a história que usa, retira a sua profundidade e a traz à superfície. Exibi a forte e inegável tendência à máxima retórica. Nela, se afirma. Os ventos da data o põe à beira de si mesmo. Ali ele escuta toda uma herança. Desejar o que diz sem abrigo é o próprio caráter do que se diz.

A herança, porém, se constitui sempre pelo recorte que se faz. Nada mais é, portanto, do que o delineamento da própria ideia do que ela é: trata-se de herança. A data vive nisso. A rebeldia se pratica recortada, visada, pois o irrecuperável é a “imagem do passado que ameaça

desaparecer com cada instante presente que não se reconhece visado por ela (BENJAMIN, 2012, p. 11).”

A herança, todavia, nunca se herda como um todo. Nunca um todo. Pedacos, recortes, figuras; imagem infante. Ao mesmo tempo, herança nenhuma está consumada, como se tratasse de superar traumas familiares (CAVELL, 2002, p. 212). A data surge como um “clarão num momento de perigo (BENJAMIN, 2012, p. 11)”. A entrevista sente isso?

Talvez as linhas do recorte, a herança, os rastros do corte, fiquem reconhecíveis a partir da aceitação de que há sina no fato, partilhado por Kristeva, Derrida e Saussure, de ser a linguagem algo herdado, estudado, sempre à disposição. Essa circunstância, entretanto, pode resultar em posturas divergentes. Derrida vê a herança como um fato que sufoca a distinção entre palavras citadas e seus originais; Saussure, assaz antônimo.

A data, como um outro, anuncia a ideia de que se as palavras são aprendidas, elas ininterruptamente são imitações ou citações. Não há, porém, como adotá-las como citações ou imitações, pois não há como contrastá-las com originais.

É isso que se aprende quando a data surge: estamos nas citações, ou nas imitações, e se há aprendido pouco se dá em caracterizá-las como isso ou aquilo, ou condicioná-las, ou incondicioná-las, por qualquer origem ou falta de. Novamente ela nos oferece caminhos e apresenta a falha, ou a irresponsabilidade, que dura no narcisismo oculto da consciência histórico-receptiva.

O ainda e sempre da data só faculta falar mesmo, aqui, naquela entrevista. Haverão outras e outros textos que a acompanham. Logo depois, depois? Porém, existem outros antes, bem antes? Mas ela, por ser o que é, se insinua naquela e deixa o aviso da desconfiança com o tesouro dos bens culturais herdados como um direito do presente.

Semelha alertar: “escrever é uma questão de escritura continuamente interrompida; a genuína escritura é uma questão de deter-se a propósito de algo que irrompe, chame a isso de meditação, ou silêncio, ou chame de linguagem, ou o presente (CAVELL, 2002, p.75).” Ou de outro jeito: “uma leitura...atenta a um aspecto parcial, pode sempre fazer existir um fundo latente, um segredo dissimulado, uma linguagem sob a linguagem (STAROBINSKI, 1974, p. 113)”. Semelhante coisa, portanto, não fica como assunto de decisão e sim como a garantia da inquietude no pensamento.

A entrevista reconhece os limites com os quais peleja, evitando saber que é na linguagem que a perspectiva e sua execução tocam a mesma tecla. A data? Derrida continua: “nesse

momento quiçá haveria como abandonar o conceito (de signo). Porém, esse momento é muito difícil de determinar e nunca é puro. Todos os recursos heurísticos e críticos do conceito de signo teriam que se esgotar por igual”. De que maneira? “...em todos os domínios e em todos os contextos”.

O comentário de Derrida pode ser a linguagem transfigurada da data? Do muito perto e do mais distante? Cujas tentativas seria fazê-la ser uma forma com presença?

Porém, o ainda e sempre da data só faculta ser o falar histórico. Falar sem ela, por ela, para ela, com ela, antes dela, depois dela, e não sobre ela, para sustentar o assombro por coisas que assistimos ainda. Algo agudo de uma exigência que não se deixa traduzir nela, ficando para além dela. Sua escuta deve jurar, portanto, não olvidá-la como choque da existência e reparação anamnésica das injustiças, que de fato não podem ser desfeitas, sobejando reconciliá-las na solidariedade histórica.

“Bem agora, é inevitável que a desigualdade...e a necessidade de certos contextos, continuem considerando estrategicamente indispensável o recurso a um modelo”. Derrida remata: “do qual se sabe, que por outra parte, o ponto mais inédito da busca, funcionará como um obstáculo”.

Diga-se que tal desejo de saimento é a torção de época; da data? É importante torcer e dar voltas nos pensamentos e não se perder na “perigosa concentração da responsabilidade com a qual a consciência moderna do tempo, voltada apenas para o futuro, sobrecarregou um presente problemático que constituí, por assim dizer, o nó de uma trama (HABERMANS, 2002, P 24).” Isso serve para qual deles?

Prontamente, é estar às voltas com a evidência de que avançar, daquela maneira, é sustentar limites. Ficar no mesmo lugar, na metafísica. Haveria como ser outra coisa? Ele disse que não acredita, facilmente, que haja saída. É a metafísica que nos dá os limites e nos destina sem ocasião, dando-nos a entender?

Entretanto, qualquer original já se encontra morto. Qualquer um; mesmo a metafísica. Estando assim, qualquer história ou crítica que se faça, só pode ser a vida póstuma, confirmando, paradoxalmente, que não há nenhuma morte no original, mas toda a morte do original.

De fato, Derrida “conta com as propriedades estruturais do signo, as quais podem se realizar tão bem na substância da tinta como na substância do ar” (HABERMAN, 2002, p.252). Mas como se obtém essa fé, como anunciá-la, como afirmá-la, como colocá-la em lance, como arruiná-la?

Derrida rastreia fissuras em todos os cortes da herança, fazendo estalar a crítica como se fosse as estratégias de combates nas ruas. Na verdade: táticas, estratégias, emboscadas. Antes ou depois? Ele esteve lá. Uma única vez? Lê-lo na resposta é aspirar. Nele e por ele, há a imputabilidade da indistinção genérica entre filosofia e literatura, fazendo regressar a retórica ao lugar não-lugar da linguagem. Porém, não a permite voltar de uma vez por todas. Tão-só em cada risco de pensamento.

Isso é jeito de chegar indiretamente mais perto das torções das cenas do saber literário e filosofar. Desejo de assentir nos termos da retórica, como se fosse importante aclarar a ideia de que se preocupar, ou se interessar, ou zelar, por um texto seja o que nos resta de filosofia. Tudo linguagem, a única forma de vida. Derrida procede assim?

Mas, tudo da herança é desabitado. Inabitado e cambiante. Tudo dela se empenha em baixo valor e se ganha com isso o atual. Mesmo quando chama, clama a outra presença em si: “para não tomar mais que um exemplo, se poderia mostrar que a semiologia de tipo saussuriano há jogado um duplo papel.” Quais? Primeiramente: “...um papel crítico absolutamente decisivo.”

A entrevista não existiria sem isso. Isso já é um encontro categoricamente definitivo, encobrando o inevitável: o pensamento da identidade só pode se convencer da sua falha. E: “há mostrado, contra a tradição, que o significado era inseparável do significante, que o significado e o significante são as caras de uma só e mesma produção.” Mas qual deles tentou extrair a tradição da esfera do conformismo que está sempre apta a sufocá-la?

A entrevista quer escutar. Carece de escuta. Derrida ajusta-se à escuta que ele mesmo produz: “Saussure inclusive rejeitou expressamente conformar está oposição ou esta “ unidade de duas caras” as relações de uma alma e de um corpo. Como se havia feito sempre.”

Cada coisa, cada um, ali, é o que se dirige ao outro, a data, o outro, os provoca (antes ou depois?) e, a tradição cortada por Saussure, é a figura que se deve ainda recortar. É necessário escuta. Mas escuta-se que a tradição, ao ser pensada, é o horror? O fato de ler, criticar, ou historiar, é ainda a linguagem como tal. Inscrições falantes. Inscrições de espera nos agoras, no qual o tempo se interrompe e se fixa?

Aquela coisa, o eco de Saussure, vem sancionada como assunto de rivalidade, cuja cena é o corte da herança (ou seria o corte na herança?). Empiricamente perdido, ou encontrado, o que há rechaça e abandona o que dela, ou nela, surge. De fato, como nobre, no sentido daquele que pode ser notado, relata-se o encontro, ou desencontro, e o domina no difícil de crer, ou no fácil de crer. Assim, por contraste, o drama do assunto reside no investigar o encontro como uma

questão empírica; ou transcendentemente, por estar cego para ele. De alguma maneira, o que se destaca é a sucessão legítima, na qual o herdeiro é continuamente a questão essencial para a decisão que se origina ou que se faz, ou se lesa.

Segundamente: “sublinhado os caracteres diferencial e formal do funcionamento semiológico, mostrando que ‘é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua’...” A atenção de Derrida se torce e atinge o jeito, dá jeito: “entretanto, Saussure não deixa de confirmar esta tradição na medida em que continuou a se servir do conceito de signo...”

Derrida tenta se dedicar ao encontro com Saussure. Mas o seu sentido, mais aguçado para o detalhe, amigo da arquescritura, deixa-o atento ao conceito de signo. Saussure fala: essa é a palavra, signo, que resta, não há outra melhor. Derrida o compreende, porém, se dirige ao que aparece, e questiona e anseia. Tomba o diálogo e restabelece aquele alguém, Saussure.

Porém, é de saturação que Derrida está a falar? Saturação histórica? Seus enunciados são semelhantes termos que deixam de transmitir a densa saturação no *Curso...*, ou de termos das procedências desse reino, que não podem transmitir a ocorrência dentro do próprio reino. Se há o que se deve considerar, há intercâmbios temáticos dominantes da ação. Nesse sentido, o que se oferece é o que se perde até o que se resgata, passando por pagar ou dever alguma coisa.

Contudo, só na lacuna da data é possível antever e prever o solicitado. O solicitado é o aqui e o agora de uma longa tradição: “a língua usual não é inocente e nem neutra. É a língua da metafísica ocidental...”. O outro, a data, encena contra o tempo homogêneo e vazio descrito acima? Encena ainda o nosso? Sua temporalidade de áugures interroga o que aquele ventre carrega?

“Benjamin diz, à partida, que não é de todo certo que a linguagem seja humana, em qualquer sentido (MAN, 1989, p. 116).” Há discrepâncias absolutas entre dizer e querer dizer. Se não é certo que ela seja o que reivindica ser, a data a leva consigo. Dita com ela, a linguagem, as suas reivindicações. Isso provoca e denuncia que só pode haver uma intenção de sentido apenas de modo formal. A disjunção fica ininterruptamente à vista mesmo para quem troca, ou toca, ou a defende.

A entrevista de Derrida a Kristeva mostra o aberto. Procura passar pela abertura que Saussure inaugura; embora a mancha saussuriana tenha a mesma matéria do alvejante que será usado e, quiçá, refeita. Mas há ainda a lesão.

Mas há o que sobra, e se apaga. A crítica, ou a história, sequer se assemelham “àquilo de que derivam” (MAN, 1989, p. 113). E como são intralinguísticas, não se relacionam com o

sentido extralinguístico. Antes, a crítica e a história devem cumprir os malogros que são, para se manterem errantes, abertas, desarticulando sucessivamente qualquer ideia de referência. Apuro por nós.

Apuro por nós? Sim, o que é sublinhado é precisamente o insucesso que é sempre o que a crítica deve idear; lembre-se da data e seus agoras. Malogro humano; logo, sem experiência subjetiva. É o que é: sofrimento especificamente linguístico, habitando a linguagem e se perdendo nela.

Em todo caso, qualquer coisa cai no tipográfico. Tipografia do inquietante quando se escuta, e se inscreve. Trata-se disso. Tudo retido nas reservas de Platão. Ainda Sócrates; ou Saussure?

Mas parece que em alguns momentos da entrevista se é obrigado a pensar que o teatro tipográfico precisa impugnar a distinção entre dizer e mostrar. Se a cena da herança diz algo, previamente conhecido, seria valoroso revigorar o próprio conhecimento linguístico, mostrando-o, como aprecia Derrida, revitalizando o próprio conhecimento, juntamente com o mudo, como grita a data.

Nada de sanear a linguagem, por conseguinte. Nada de emendar, ou corrigir, a tradição. Urge tirá-la do conformismo. Tudo já está e não está e assim fica, herdado.

Herdada seria Sócrates, ou Saussure, ou a escritura denominada Derrida? Ou outros nós? No rápido: todo Saussure inscrito em Platão? Toda linguística? Sim e não sim. Mas também Hegel, Husserl, Rousseau, Aristóteles? Portanto, o que a data põe em jogo é o campo de litígios que pode ser a avaria ou a cobiça de nossa comum natureza humana (seres da linguagem), ou a avaria ou a cobiça da própria natureza (a linguagem).

Indignidades da escuta. Bem antes, bem depois: a verdade é informe. Isso porque a data não tem o próprio. A tradição precisa ter quando está nas mãos do conformismo. A herança a perde ou a esquece; por ser tarefa e não espólio. A desconstrução quer ter e não ter. Contudo, ao querer vencer, qualquer um acalma o pensamento e esvazia o tempo e o torna homogêneo.

Derrida fala o seu nome, Saussure. Fala o nome, Derrida. Fala nomes. A data, porém, é o nome do outro em qualquer textura linguística desde de lá; assim se espera. Ela não assina. Apócrifo está a reger. Rege retoricamente, pois há a escuta. Dramaturgia da desapropriação enunciativa; sem tese.

Não há, ou não deve haver, crianças de Sócrates. Sem sujeitos próprios. Linguagem apenas. Moldagem plástica. A data? Só não se pode dizer que nada se sabe. Escuta-se e se acolhe tudo e não se realiza nada de próprio. Teatro tipográfico?

Sem a lei do próprio, deve haver um uso do conceito de signo, ou estrutura, ou outras do mesmo tipo, mais vital que, ou explique ou fundamente, seu uso tenha fundamentalmente a mancha de escutar (ou ler) por nós mesmo? De fato, só linguagem.

É ela que desinstala o sujeito que se diz próprio, instalando-o no eu penso, eu critico, eu falo, eu decido ou eu quero etc. Mesmo quando alguém parece ter todo o domínio sobre a enunciação: “a manutenção da distinção rigorosa – essencial e jurídica – entre o *signans* e *signatum*, a equação entre o *signatum* e o conceito deixam em aberto o direito à possibilidade de pensar um conceito significado em si mesmo...”

O impróprio é a leitura? Questões de páginas-fantasmas? Continuamente, história. O mundo é muito antigo! Temos direito ao desagravo, assim sendo, eis a data.

“...Saussure contradiz as aquisições críticas que falamos faz um instante”. A diferenciação entre significado e significante, o signo, sai problemático desde a sua raiz. É volumosa a implicação de uma palavra. A cena de instrução que Derrida apresenta não procura outro lugar. A data sim?

Quer dizer: a data como o que é, o outro da entrevista, e de nós mesmos, espera-se, alegoriza o aparente destino de nos arremessarmos como ficções da escuta (leitura), como se fôssemos designados a teatralizar quando nos apontamos em qualquer outro, de modo que nunca estamos corretos de que nosso revide seja nosso. Isso vale para todos. Em consequência esboçamos personagens ficcionais, de algum jeito, por serem tipográficos. Teatro tipográfico?

Derrida continua: “a) deve passar pela desconstrução difícil de toda a metafísica que há imposta e não cessará jamais de se impor a toda a ciência semiológica...”. Depois: “...esta instância não vem imposta do exterior como algo como a filosofia, senão por tudo que liga nossa língua, nossa cultura, nosso sistema de pensamento a...”

Isso parece demarcação dos perigos, fazendo vir, ao mesmo tempo, a possível recuperação do mundo em ambiguidades e limites. Derrida fala como se falasse de coisas, questionando sobre de onde e para onde, numa questão que quer manter a fissura aberta por Saussure. Porém, “a audácia de Saussure consiste de tratar esta abstração (a língua separada do discurso) como um material concreto, uma matéria-prima...um emprego ao mesmo tempo livre e regado (STAROBINSKI, 1974, P.12).”

É incomensurável a responsabilidade da fala. Derrida confabula, suspeitemos, a noção de que é imperativo se desejar ler por um texto. Há tanto romantismo quanto sua negação em qualquer diálogo. Mas ele, com razão, acentua que uma linguagem reduzida às partes úteis para o conhecimento e contestação de fatos promove a ambição por meras formalidades.

Prossegue: “b) não se trata tão pouco de confundir... o significante e o significado.” Vale mesmo? O dizível não pode ser substituído por melhor compreensão. Tudo que se assinala já trai. Instalações tipográficas. Quer dizer: o sujeito nunca coincide consigo mesmo. Derrida? Saussure? Nada, ou muito pouca coisa, pode ser atestado; embora haja testemunho e só da linguagem que testemunha apenas ela mesma; o resto é a consciência do “indigno”.

O fantasma, Saussure, ou ao avesso, Derrida, sempre se adianta no seu atraso. De antemão, todos inscritos. Saussure, poderia se dizer, reinstala todo o platonismo. Mas nisso já há Derrida?

Mas nisso há e não há qualquer coisa platônica. Saussure instala-se na tradição e abre uma fissura nela; um corte: a herança. “A nobreza da lenda como a da língua é que, condenadas uma a outra a se servir apenas de elementos colocados diante delas e com um sentido qualquer, elas os reúnem e tiram deles continuamente um sentido novo (STAROBINSK, 1974, p. 16)”.

Mas só a data é capaz de desinstalar derradeiramente. Alguém disse e alguém depois pensa e, quando pensa, diz, manifestando o tipo e a herança. Até porque o que há e não existe, e existe, é o ali da alegoria da leitura. É e não é a letra na data, desde que se tenha na mente, com maior clareza, a data e a sua capa: a revolta.

Eis como é: qualquer pensamento, qualquer explicação, qualquer teoria, precisa atentar para sobrevivência do mundo que só há na responsabilidade por ele. Isso diz: a carga do mundo não é o seu tamanho, mas sua especificidade. Então, sua escuta, conforme a imagem de um espelho invisível que se forma, dirigido ao mundo, pede que se escute o empenho do espelho, pois ali se determina se o mundo respira, pedindo-nos que sejamos algo afetado por sua questão respiratória, a nossa linguagem.

Há de viver de cicatrizes de nenhuma ferida? A fissura: a abertura da Saussure. Ali no *Curso*... Fissura é sempre por onde se pode escutar e buscar ver e passar. Mas se inscrever, seja lá como for, é impura perda. Impureza da perda; ou seja: nada se perde tudo se encontra impuro, inscrito quando faz passar e temer por isso.

Só há, portanto, o encontro com o outro, a data. E com ela, sem o seu tempo, mas com temporalização e alteridade, se converte qualquer enunciatador em locutor, o locutor em ator

(como diz Lacoue-Labarthe); em personagem, em figura, em pura voz. Tudo no dizível. Do visível até o audível, dando jeitos.

De fato, tudo corre urgente para fazer cessar a inquietude. Crítico Derrida, crítico Saussure. Escuta-se e arruma-se?

Derrida? Deixa a paixão entrar. Saussure, classicamente, põe-na fora. Quando algo irrompe diante, sabe-se que o nome possível que se dá a isso é escritura. Mas ela existe? O sujeito, qualquer um, agoniza por estar ali, na linguagem. Interrupções. Há sempre pausas indevidas: “...encontramos os mesmos gestos (o essencial da língua, vínculo entre pensamento e a voz, o sentido e o som e etc.) em Hegel”.

Tudo, na entrevista, a demarcar as colisões da tradição no *Curso...*, sem se deter nas saturações, a constituir vínculos, cujo inválido sentido é: findo. Mas a data retine na sua direção e deixa manifesto que qualquer recorte calha com as respostas. E se assim é, ironicamente, se reconhece que o rastro não é uma presença, mas, com obviedade, o desvio que se transfere na extinção, como a cicatrização de nenhuma ferida que cumpre a alteração de lugar. “É rastro e rastro do apagamento do rastro (DERRIDA, 1991, p.34)”.

Há familiaridade, entretanto. E, como tal, se passa ao largo, de maneira nímia, sem a captura do ato, ou do encontro, do que se estranha histórica e individualmente. A data insiste na vivência presente nos instantes, cuja argúcia deve-se a um reconhecer reprodutivo de maneira tal que a diferença de um espaço temporal linguístico seja o diferencial da alteridade imanente ao presente vivo. Mas há o vivo ali na tipografia?

Quando o conhecimento é vivo? Há possibilidades disso? “...o conceito de estrutura que você (Kristeva) há evocado, é por certo mais ambíguo. Tudo depende do trabalho que se tem a fazer. Como o conceito de signo... pode de uma vez confirmar e romper as garantias logocêntricas e etnocêntricas.”

Quanto poder há no conceito de signo, mesmo quando se fale de outro! De fato, o signo é imperativo para cada aspecto que relaciona reciprocamente passado e presente. Contudo, se aquele conceito opera por reprodução assistida do passado no presente, indicando o privilégio metafísico da presença, caberia atentar que “o tempo histórico só é aprendido na sua correlação com o espaço histórico (a história no cenário dos acontecimentos e não ao contrário).” Linguagem e consciência inquietas, e apenas.

Isso diz: a data afina o destino e, assim, nem tem passado, nem presente ou futuro. Nela se aprende, sem, ou com, imitações ou citações, que não querem dizer grandes coisas, que o homem

não é nem fenômeno da linguagem e nem efeito da língua, mas criatura dela.

Derrida avança: “não podemos rechaçar esses conceitos, nem temos, por outra parte, meios para fazê-lo.” Taxativo. Fatal seria muito? Todo o restante do comentário afirma o panorama de reabitar as mesmas palavras. Arremata: “...os cortes (epistemológicos) se reinscrevem sempre, fatalmente, no velho tecido que há que continuar desvendando continuamente.”

Muita coisa fica desmoronada, ou destecida, e o que se soterra é ainda algo de orgânico. O hábito de reabitar palavras nem sequer pensa trocá-las. No imediato de alguma coisa, mediado por formalizações de caráter signífero, a situação sem saída, que não seja aquela presa ao “velho tecido”, induz a culpa; cuja forma precisa são as preocupações; *index* desse tipo de consciência?

A entrevista vai em frente. Nela Derrida assume o desempenho da gramatologia. Kristeva o encaminhará com suas perguntas. A data parece agora querer ser silenciada. Não obstante, o resto da história é explicação, configurações desse direito à crítica e, depois (ou é antes?), posição.

A data, contudo, ainda se faz de não datada e pergunta sem nunca fazer: há cegueira da alma? De outro modo: a forma de pensar de Saussure está sendo substituída por outra? Aquela de Derrida? Ou é o contrário: Derrida está sendo substituído pelo fantasma de Saussure?

Em particular: está sendo substituída por uma forma de pensar em que nada que ocorre nos surpreende, já como a objetivação da subjetividade, vestida de estruturas, como ato de um agente culpado, conforme a expressão da liberdade de pensamento como intenção e desejo de astúcia? Mas isso não é uma característica de ambos? O que tem princípio pode ter final? Se o futuro dessa substituição, ou o seu contrário, como dito acima, se fizer efetivo, seus admiradores não ficariam insatisfeitos?

Caso não, ou caso sim, há sempre a perda da satisfação por eficiência de qualquer forma. Logo, a diferença e o assombro de pensamento não seriam tampouco possíveis. De qualquer forma, o diálogo humano primordial é exclusivamente trágico. “Isso significa que o trágico não existe fora do diálogo humano (BENJAMIN, 2011p. 265).”

Se o trágico, diálogo humano, aponta para ideia de que a tragédia é nossa questão epistemológica da herança, ou como o resultado do conhecimento, caberia pensar que a fama da linguagem, ou a sua vingança, está na fonte e na impotência das formas-assombros que o dizer da data salva? Mas para isso, seria necessário continuar e continuar.

A entrevista continua. Nesse mundo particular invoca-se outros e se tenta libertar deles. A tensão e a tentativa de escape se investe de sentimentos retesados que gostariam de ter o

privilégio da herança. Faltará ainda muito para que se conceba a ideia: a palavra e o discurso só devem entrar pela porta da arte, equilibrando as potencialidades da linguagem e do ouvido, para escutar o lamento que está, e sempre esteve, no colo histórico da data. Aí

Bibliografia

- BENJAMN, Walter. *O Anjo da História*. São Paulo: Autêntica, 2012.
_____. *O conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. São Paulo, 2011.
CAVELL, Stanley. *Reivindicaciones de la razón*. Madri: SINTESIS, 1979.
_____. *En busca de lo ordinario*. Madri: Frónesis, 2002.
DERRIDA, Jaques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
_____. *Margens da Filosofia*. São Paulo: Papyrus, 1991.
_____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
HABERMAS, J. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002
LACQUE-LABARTHE, Philippe. *A imitação dos Modernos*. São Paulo: Paz e Terra, 2000
MAN, Paul de. *A Resistência à Teoria*. Lisboa: Ed. 70, 1989.
_____. *O ponto de vista da cegueira*. Lisboa: Cotovia, 1999.
SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.
STAROBINSKI, Jean. *As Palavras sob as Palavras*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Marcus Alexandre Motta

Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991) e doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Atualmente é professor da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

*Enviado em 01 de setembro de 2015.
Aceito em 30 de março de 2016.*